

De profundis
(Por que não?)¹

De Profundis
(*Why not?*)

Miguel Marvilla*

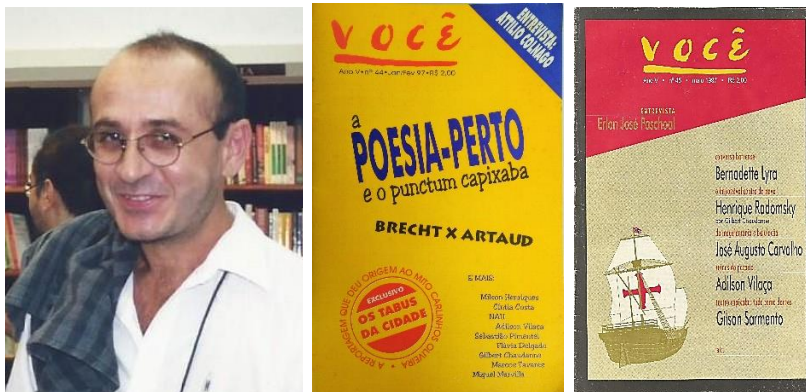
No ano em que se completam dez anos da morte de Miguel Marvilla (1959-2009), acatamos a sugestão de Wilberth Salgueiro e decidimo-nos por homenagear aqui o poeta de Marataízes com a republicação de seu depoimento sobre sua produção poética, para o seminário organizado por Salgueiro nos anos de 1990, na Ufes, e publicado na revista *Você*.

No texto, percebe-se a irreverência do também contista, fotógrafo e editor, exímio nas imagens verbais e pictóricas. Inserimos no texto, irreverentemente, ilustrações, de modo que fiquem registradas algumas de suas referências, inclusive as irônicas, tornando seu itinerário uma espécie de álbum de figurinhas caras ao escritor criativo e bem-humorado que sempre foi.

¹ Reproduzido da revista *Você*, n. 45, de maio de 1997, p. 19-22. O depoimento faz parte de um conjunto de textos organizado pelo Prof. Wilberth Salgueiro, da Ufes, e intitulado "A poesia-perto e o *punctum* capixaba".

* Escritor.

É o diabo tentar falar assim, de cara lavada e em corpo 12, sobre o quem fui, quem sou, um sujeito/personagem que não se considera à altura de tal autor, de tal leitor. Mas vamos *ahead, quae sera tamen*, mais *tamen* do que *quae sera*, o que quer o que pode esse cara chamado Bith,



Bith ou Wilberth Salgueiro (foto de Hélio Matos Jr.); capas dos números 44 e 45 da revista *Você*.

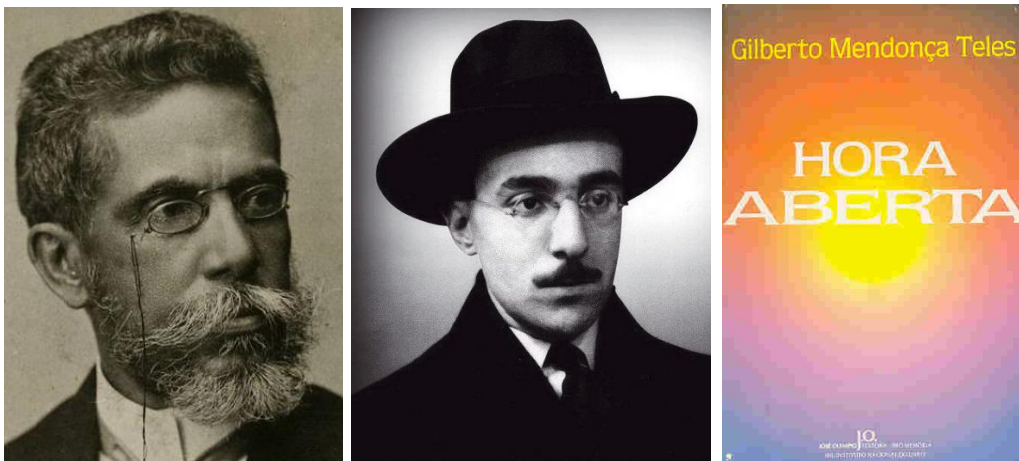


Miguel Marvilla (foto de Paulo R. Sodré).

que organizou esse seminário e me impôs expor-me   língua c pida de nossas meias dúzias de leitores cada, que esse negócio de literatura nunca mereceu

mesmo muita atenção por parte do distinto grande público cá por essas bandas. E ainda bem.

Devo confessar que minhas leituras iniciais já me conduziam ao caminho que agora trilho com razoáveis serenidade e segurança (notaram a concordância, que bonita?). Antes de desaguar, impávido colosso, nos braços de Shakespeare, Bernard Shaw e Joyce (No original! No original! — graças ao Mário); dos românticos ingleses (graças à Aurélia) e de Edward Albee, Arthur Miller e Tennessee Williams (graças ao Carozzo), pois, antes disso, eu já estava impregnado de Umberto Eco, Fernando Pessoa, Camões, Günter Grass, Machado de Assis, José J. Veiga, Drummond, Gilberto Mendonça Teles (o poeta) e arredores.



Retratos de Machado de Assis e Fernando Pessoa
e capa de *Hora aberta*, de Gilberto Mendonça Teles.

Mas meus dois autores favoritos de adolescente, os que me puseram no, ahn, digamos assim, caminho da boa literatura, foram (que Borges, que nada!) Marcial Lafuente (M. L.) Stefania e... sabe que esqueci o nome do outro? Agora, que os livros dele tinham uma heroína formidável, e isso é o que importa, lá isso tinham: Brigitte Montfort, filha de Giselle, a espiã nua que abalou Paris. Perdi a conta das vezes que me escondi debaixo do lençol, imaginando-me um daqueles espiões russos (eu sempre gostei de ser *do mal*) que ela seduzia com seu corpo sedento,

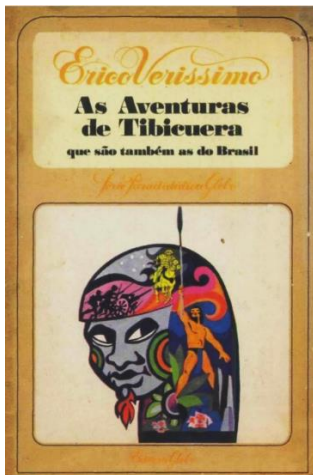
seus olhos verdes, sua boca molhada... quantas vezes eu quis possuir um segredo atômico qualquer só pra ser perseguido por Brigitte Montfort, com aquelas coxas grossas, que, ao final, terminaria por usar, depois de abusar sexualmente de mim, para quebrar meu pescoço, com uma torção absolutamente precisa. Que época!



Capas de livro de Marcial Lafuente Estefania e de Lou Carrigan (com a famosa personagem Brigitte Montfort).

Foi assim, sob a influência de Brigitte Montfort, aliciadora de minhas fantasias adolescentes, que descobri minha atriz favorita, logo que a censura foi defenestrada (“pela janela”, diria um amigo meu, todo cheio de pleonismo): Georgina Spelvin. Aos cultores daqueles inteligentíssimos filmes tchecos e franceses, permito-me lembrar que se trata de uma atriz americana, protagonista de *O diabo na carne de Mrs. Jones* (co-estrelado por John Holmes, eu acho) e — um cult! — *Garganta Profunda*. Por este último, aliás, tal o grau de realismo que imprimiu ao seu personagem, ela deveria ter ganhado um Oscar (Frances McDormand não ganhou, só por ficar repetindo “yeah!”, em *Fargo*, com aquela cara da Família Buscapé dos hillbillies americanos?).

Tá bom, voltando à vaca frígida, eu confesso. Minha primeira vez foi aos 6, 7 anos, mas acho que nem a idade me redime de ter lido então *As aventuras de Tibicuera*.



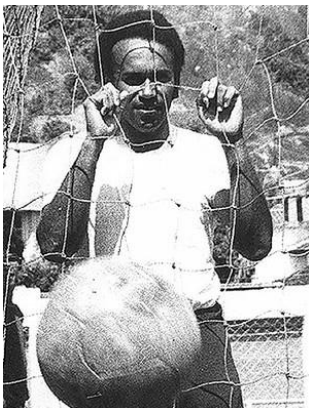
Capa de *As aventuras de Tibicuera*, de Erico Verissimo.

E onde é que entra a tão ansiosamente aguardada parte de “construção” do poeta? Aí é que está. Não entra. Deixo isso aos meus biógrafos, se houverem (o plural foi de propósito, só pra chatear). Tomara que nenhum deles me pegue vivo. Eu sei lá do poeta, mas lembro bem de um professor de Geografia, desse eu me lembro, por duas razões: uma, que me livraria de uma prova final chatíssima, sobre aspectos geológicos sabe Deus de onde, se eu fosse capaz de dizer as capitais de uns tantos países esquisitos que ele escolheria aleatoriamente. Isso era no dia seguinte e, por conta de ter passado a noite em cima de um atlas velho e ensebado, é que sei até hoje que a capital do Laos é Luang Prabang. Pára de ler este parágrafo e pergunta a alguém aí do lado se sabe qual a capital do Laos. Ou do Chade. Duvido. Ninguém mais sabe.



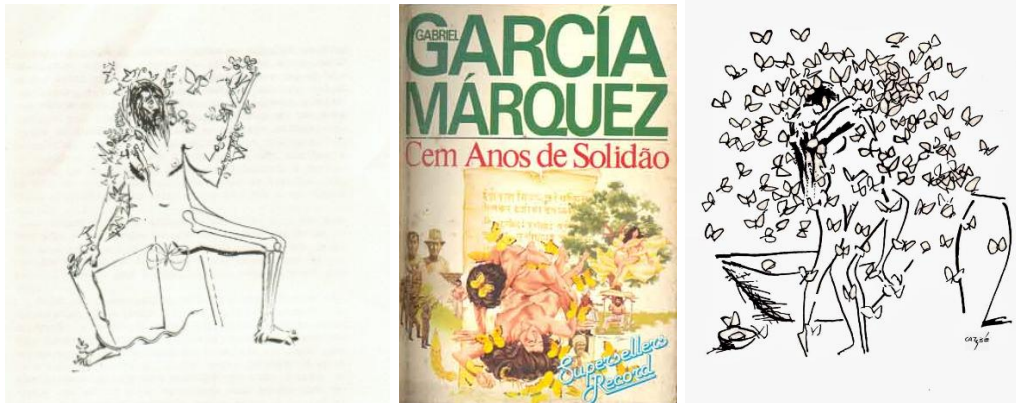
Capa do *Atlas geográfico escolar* e mapa de Laos.

E a segunda coisa é que, um dia, o Ozílio Rubim (é o nome do professor), enquanto eu olhava distraído para o meu futuro pela janela da casa dele na avenida Santo Antônio, me joga nos braços um livro e diz: “Lê. Você vai gostar”. Que livro? Nada menos que *Cem anos de solidão*. Ele jogou uma obra-prima da literatura aos pés dos meus 14 anos. Te devo essa, Ozílio. Este talvez tenha sido o acontecimento mais importante da minha adolescência, exceto, talvez, o fato de ter testemunhado Jorge Reis, goleiro do Rio Branco, bater o recorde (eu prefiro *record*, mas vá lá que seja recorde) mundial de tempo sem tomar gol: 1.609 minutos invicto.



Jorge Reis, goleiro do Rio Branco.
Foto do Cedoc de *A Gazeta*.

Pois é. O título (do livro, não do Rio Branco) me fascinou, a primeira frase me fascinou, as ilustrações de Carybé; o realismo fantástico me pegou no colo, me jogou na parede, me chamou de meu amor. Não consegui nunca mais desgrudar um olho desse tamanho de qualquer lugar onde vejo escritas as palavras mágicas *Gabriel García Márquez*.



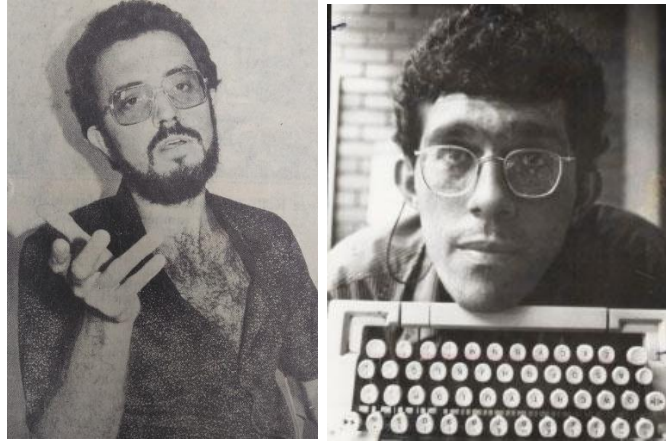
Desenhos de Carybé para a 1ª edição de *Cem anos de solidão*, da editora Record.

Se eu tivesse que plagiar um livro... se alguém, um conselho, tiver que plagiar um livro, ou parte de, que seja esse *Cem anos de solidão*, qualquer coisa menos não vale o esforço, meu bem. E pega mal.

Daí pra frente é mole. Quem se apaixona por García Márquez aos 14 anos não consegue ficar só olhando, impassível, para o Saara de uma folha em branco, tem que mergulhar nas dunas, sentir o sol, a areia nos olhos, na boca, nos dentes, e ficar frustrado com a imensidão intransponível, mais ou menos como o gato do Reinaldo [Santos Neves] que, ao se deparar com as dunas de Itaúnas, pensou que nem se vivesse eternamente conseguiria cagar o suficiente para usar aquele areal todo.

Depois de GGM, por linhas tortas, conheci o Oscar [Gama Filho] (acho tão chiques esses colchetes!). Ele estava experimentando uma linguagem poética meio maluca, mas tremendamente inovadora para o local (Vitória) e a época (fins de 78), baseado em estudos sérios (o Oscar sempre levou a literatura a sério, talvez

um pouco a sério demais, em alguns momentos) sobre o *stream of consciousness* de James Joyce e Virginia Woolf.

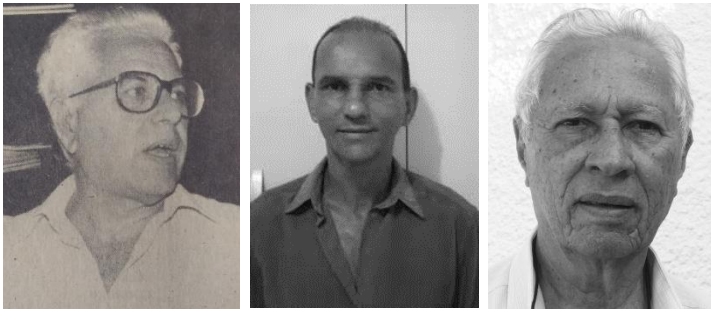


Oscar Gama Filho (foto de José A. Magnago) e Miguel Marvilla.

Enquanto Vitória nos olhava com espanto, sem entender nada (às vezes nem nós mesmos entendíamos, eu acho que), colhíamos um elogiozinho do Drummond aqui, de Jorge Amado ali (mas esse é suspeito), do Gilberto Mendonça Teles adiante, e sentávamos praça com Reinaldo Santos Neves, José Augusto Carvalho, Renato Pacheco, Marcos Tavares e Luiz Busatto no Grupo e na Revista *Letra* (sem esquecer do Luiz Guilherme Santos Neves, o membro de fora do Grupo).



Reinaldo Santos Neves, Luiz Busatto, José Augusto Carvalho e Miguel Marvilla (fotos de Paulo R. Sodré).



Renato Pacheco (foto de Nestor Müller), Marcos Tavares e Luiz Guilherme Santos Neves.



Capas dos números da *Revista Letra*.

Assim, como quem não quer nada, fui-me construindo, sem léu nem chapéu, este que excessivamente assim sou, já li isso em algum lugar. Deve ter sido em *Dédalo*, meu último livro. Ah, sim. Os meus livros.

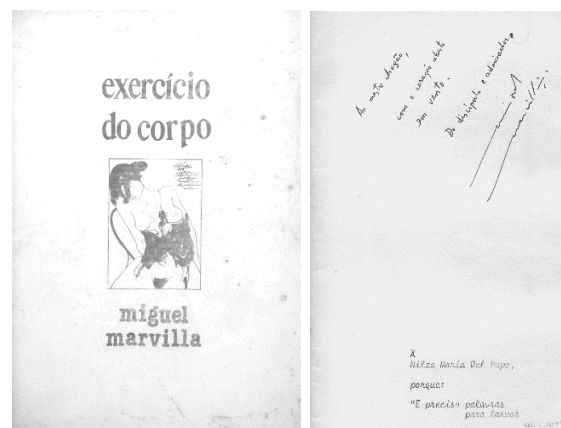
Comecei plagiando e declamando uns poemas de Kipling no programa policial *Ronda da Cidade*, apresentado pelo então radialista Géron Camata,

você sabem, o marido da deputada Rita Camata (parece que ele também foi eleito pra alguma coisa aí), o qual, por não entender lhufas de literatura, nem desconfiava de que eu roubava aqueles poemas do *Tesouro da Juventude*, que lia aos borbotões na Biblioteca Pública da PMV, em tardes de nunca mais. Camata não entendia de literatura, mas logo, logo, arrumou um jeitinho de ficar rico, enquanto eu continuo ralando (e tendo dúvidas sobre se sei algo do assunto).

Depois disso, escrevi meus próprios poemas. Três livros vieram em mimeógrafo: *De amor à política* (o livro, acreditem, é bem melhor que o título), com Oscar Gama Filho; *A fuga e o vento* e *Exercício do corpo*, que uma garota uma vez me perguntou se se tratava de um manual de Educação Física.



Capa de Eugênio Herkenhoff para *De amor à política*.

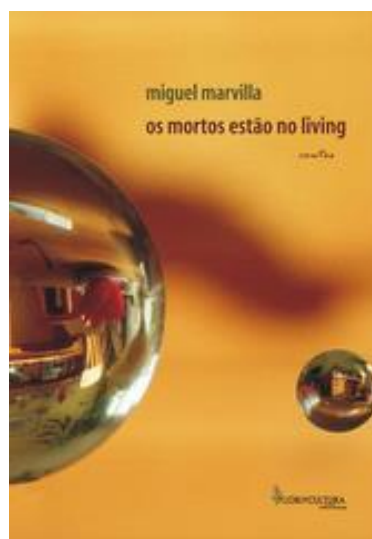
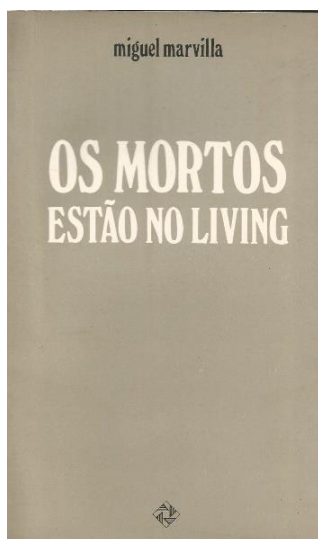


Capa de *exercício do corpo* e autógrafo de Miguel Marvlla.

Aí, o Reinaldo, pra meu azar, era editor da FCAA/Ufes e se recusava terminantemente a publicar os amigos mais chegados, com medo de ser acusado de alguma espécie de sacanagem. De modo que precisei de uma menção honrosa em concurso para publicar *Os mortos estão no living* (contos).

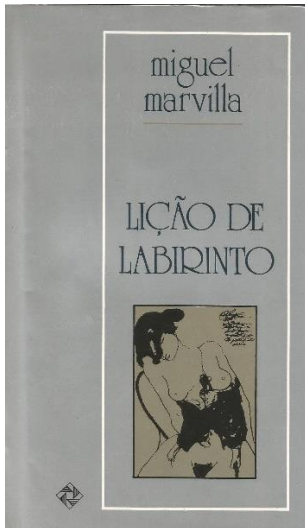


Fac-símile de reportagem de *A Tribuna* (29 set. 1988). sobre lançamento de *Os mortos estão no living*.



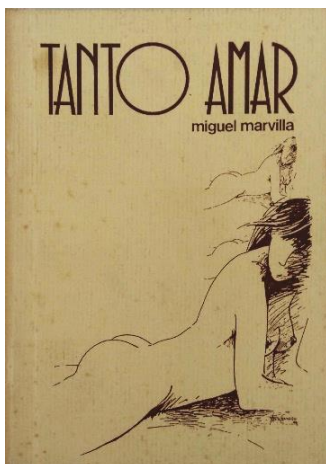
Capas de Paulo Roberto Sodré, para a 1ª edição, e de Priscila Costa, para a 2ª.

Para publicar os poemas de *Lição de Labirinto*, então, precisei vencer o concurso.



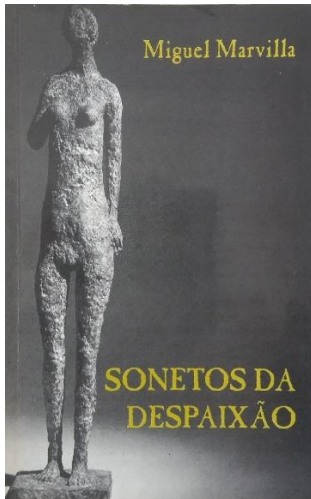
Capa de Valéria Curitiba da Silva para *Lição de labirinto*.

Então, que o espaço tá ficando curto, escrevi *Tanto Amar*, um livro com só 14 poemas falando sobre a paixão, meu tema de sempre favorito, que a Vera Viana, na Secretaria de Cultura da PMV, abençoada por Vítor Buaziz, publicou, junto com a CEF. Foi lançado em 91. Naquele ano, conheci uma mulher, ao redor da qual circulei, embevecido, apatetado, os próximos quase 5 anos, até que, em princípios de 96, o bom senso dela prevaleceu pela primeira vez e ela me deixou, o que me obrigou a voltar a escrever – para exorcizar meus fantasmas (pra me “imolar em público”, disse o Adilson Vilaça).



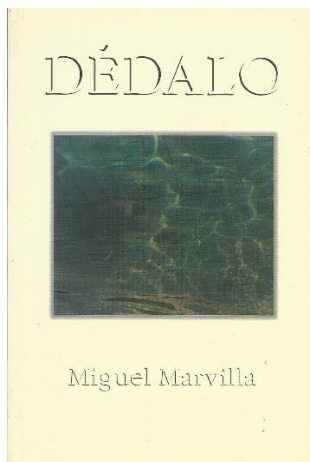
Capa de *Tanto amar*, com desenho de Attilio Colnago.

Ela me rendeu, ao menos isso, um livro: *Sonetos da despaixão*, que inaugurou, em julho, a minha editora, Flor & Cultura,



Capa de *Sonetos da despaixão*.

logo seguido, em novembro, por *Dédalo*.



Capa de Márcia Selvátici Tourinho para *Dédalo*.

A tal mulher? Dela nada mais sei nem me seja perguntado. Que a neve de Munique lhe seja leve.

In a nutshell, isso que era pra ser uma tomada de posição diante da literatura já virou um esboço de autobiografia. Mas literatura pra mim é oração sem sujeito nem objeto. Mal, mal, cabe aí uma interjeição atualmente. Tamos num vale-tudo desgraçado e eu é que vou ficar queimando pestana com isso? Neca de núnkaras. Vou é parar de fazer o pé-de-alferes a essa senhora dama inacessível chamada palavra, dar-lhe umas bordoadas pra ela ver quem é que manda, como sugere o Luís Fernando Veríssimo, e pôr-me ao fresco, que eu quero mesmo é ir ver o Hale-Bopp todas as noites, às 18:32, senão, só daqui a 4.000 anos e eu não sei se estarei acordado até lá.



Cartaz de Anaise Perrone para o evento em homenagem a Miguel Marvilla.